

Semana da juventude de Ipiranga do Piauí: memórias e juventudes no jornalismo regional¹

Iaquelly de SOUSA²

Thamyres Sousa de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a construção de memórias e juventudes realizadas pelos portais regionais *RiachaoNet* e *Cidades da Net*, nas últimas cinco edições da Semana da Juventude (SDJ), em Ipiranga do Piauí. Como objetivo geral compreender a percepção de juventude, entre os restos de memória da SDJ. Para isso, o embasamento teórico se deu a partir dos estudos realizados por autores, como Halbwachs (1990), Nora (1993) e Pollack (1989). Nos procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Observamos que ao se tratar da construção de memórias através das fontes ipiranguenses, os portais construíram uma memória lacunar e institucionalizada, como também que as fontes testemunhais, foram pouco utilizadas e exploradas, sendo prejudicial para a memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo como lugar de memória; Juventude de Ipiranga do Piauí; Lugar de memória; Semana da Juventude em Ipiranga do Piauí e Representações de juventude.

Semana da juventude, jornalismo e memória

O historiador francês Pierre Nora acredita que estamos vivendo uma aceleração contínua da história e, em virtude disso, estamos produzindo cada vez mais rápido um passado morto, ou seja, nossa percepção geral se torna algo desconhecido, o hoje passa muito rápido, e o ontem já está morto.

Ainda de acordo com Nora (1993), com o fim das ideologias-memórias, não haveria nada que deveria deter o passado para transpassar ao futuro. Para o autor, os lugares de memória se constituem e se mantêm, do sentimento de não haver memória espontânea, mas, da necessidade de criar arquivamentos para a mesma. O jornalismo, mesmo que em alguns casos, involuntariamente, tem sido um lugar de memória.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI-PI, email: iaquellysouza@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus Professor Barros Araújo, Picos/PI, e-mail: thamyressousa@pcs.uespi.br

Neste sentido, acreditamos que o jornalismo assume, mesmo que sem obrigação, este papel, pois a atividade jornalística é um lugar de memória. Faz parte de seu trabalho escolher temáticas que ajudam a serem lembradas ao invés de outras, mesmo que este não seja seu principal objetivo, isto porque, além de não ser possível transmitir a totalidade dos acontecimentos, sabemos que algumas intencionalidades são projetadas no fazer jornalístico. O jornalismo, então, seleciona e hierarquiza assuntos tomando por base critérios que atestam e avaliam aquilo que vai ser publicado ou não, tornando-se guardião da notícia.

Esses critérios são observados dentro de um conjunto de elementos necessários garantindo o desenvolvimento das tarefas jornalísticas que monitoram e administram a quantidade e o conteúdo dos acontecimentos que surgem. Eles são subjetivos ou tecnicamente apresentados ao canal de comunicação (Wolf, 2003). Consideramos que estes critérios ajudam a construir um acervo de acontecimentos que ficarão marcados nas memórias coletivas.

Dentre esses fatos selecionados para vir à luz com a ajuda e aprovação do jornalismo, podemos citar a Semana Cultural da Juventude Ipiranguense (SDJ) que, anualmente, ocupa espaço na memória digital de muitos portais regionais. A primeira edição do evento foi datada de julho 1984⁴, organizada por um grupo de jovens da comunidade local e atualmente é considerado pelo portal Meio Norte (2021)⁵ um dos maiores festivais gratuitos do centro-sul do Piauí.

Por se tratar de um evento tão grande e relevante para a região, a semana de realização da festividade vira notícia em muitos veículos, dentre eles, os portais de notícias *RiachãoNet* e *Cidades na Net*, que são nossos observáveis da pesquisa e também um reduto de memórias e representações sobre o evento. À medida que novas edições ocorrem, novas notícias são produzidas e as matérias narrando os acontecimentos são postadas. O conteúdo posto ali incide no sentimento de pertencimento dos ipiranguenses, pois os mesmos compartilham matérias e também as fotos postadas por esses veículos em suas redes sociais.

⁴ Confira aqui a origem da Semana da Juventude: <https://www.portalr10.com/noticia/75784/iperanga-do-piaui-da-incio-a-38o-semana-cultural-da-juventude-confira>, acesso às 14:59, em 21/05/23.

⁵ Portal Meio Norte coloca a Semana da Juventude como um dos maiores festivais gratuitos do centro-sul piauiense: <https://www.meionorte.com/pi/cidades/iperanga-do-piaui/prefeitura-de-iperanga-divulga-programacao-da-sdj-2022-327040>, acesso às 11:24, em 12/06/23

Segundo Barbosa (2004) "[...] os jornalistas fazem memória, na medida em que é papel da mídia reter assuntos que, guardando identificação com o leitor, precisam ser permanentemente atualizados" (Barbosa, 2004, p.1).

Observamos que o jornalismo também guarda o presente em matérias, documentos, fotografias e etc, para futuros pesquisadores, curiosos e quem mais se interessar sobre os acontecimentos da nossa contemporaneidade. E justamente para entender melhor essa relação entre o jornalismo, memória e as representações constituídas em torno da Semana da Juventude ipiranguense, que planejamos focar na produção noticiosa dos portais *RiachaoNet* e *Cidades na Net*.

O objetivo geral desta pesquisa é: analisar a construção de memórias e representações da juventude realizadas pelos portais *RiachaoNet* e *Cidades da Net*, nas últimas cinco edições da Semana da Juventude (SDJ), em Ipiranga do Piauí dentre os objetivos específicos: mapear as matérias publicadas das últimas cinco edições de SDJ nos portais escolhidos; verificar quais fontes foram convocadas para construir a ideia de juventude junto à população; e identificar qual o efeito dessa convocação para a memória coletiva.

Nossos observáveis são as 53 matérias que saíram nos portais entre 2018 e 2022. Para chegar às notícias, utilizamos como técnica de coleta de dados o mecanismo de busca por palavras-chave disponível nos portais, nos quais foram inseridas as palavras "Semana da Juventude" e "SDJ".

Portanto, além de bibliográfica, a pesquisa também é documental, pois tem como fonte as 53 matérias jornalísticas sobre a SDJ. Sobre este tipo de pesquisa, Cellard (2008) nos diz que a pesquisa documental versa-se no uso de documentos e com seu uso são adicionados na pesquisa sua dimensão do tempo e a compreensão do social, elas permitem recordar o cotidiano que está colocado ali, segundo a visão do seu autor, das fontes escolhidas para a compor, da linha editorial e até mesmo do contexto em que aquilo foi escrito.

A técnica de análise foi a análise de conteúdo, sob a ótica de Bardin (2016), com a finalidade de descrever o conteúdo das mensagens analisadas. Utilizei esse método para analisar as matérias a partir de agrupamentos dos dois veículos escolhidos, como também seu efeito sobre a memória simbólica construída sobre as representações de juventude.

Quanto à sua abordagem, a pesquisa é quanti-qualitativa segundo Soares (2003). A parte qualitativa dessa pesquisa se dá no que diz respeito à análise do conteúdo das matérias dos portais e na reflexão das memórias construídas sobre a SDJ com a utilização de certas fontes no período de 2018 a 2022, já a parte quantitativa corresponde a quantidade de matérias publicadas e a reflexão sobre estes dados.

Quem pode falar sobre juventude?

Através de um gráfico, intitulado como “Fontes”, demonstramos em dados quantitativos a maneira que os portais construíram as narrativas dos acontecimentos acerca da SDJ. Utilizando o conceito de Pena (2015) sobre fontes, descrevemos cada fonte utilizada em cada matéria publicada pelos portais regionais.

Por se tratar de um recorte consideravelmente grande, esperavamos encontrar mais matérias. Achamos no total 53 matérias, 09 no portal *RiachaoNet* e 44 no portal *Cidades na Net* e considero bem destoante essa quantidade de matérias, visto que o evento ocorre durante uma semana inteira, no mês de julho em cada ano.

Embora não seja nossa intenção nos debruçar sobre o organograma destas organizações, acreditamos que a pouca quantidade de profissionais que estas redações dispõem é um fator que tenciona essa pouca quantidade de matérias e faz com que o tema tenha pouca repercussão/ notoriedade e, conseqüentemente, ocupe pouco espaço na memória digital destes veículos.

Percebemos que os sites não exploram as potenciais fontes e as potenciais temáticas que envolvem a SDJ e deixam até os títulos como se fossem chamadas para que pessoas de fora conheçam o evento, e até mesmo quem não foi se informe do que aconteceu. Os portais também falam com as pessoas de fora apresentando várias imagens. Algumas matérias inclusive são álbuns de fotografias dos eventos que ocorreram naquele determinado, ou seja, eles utilizam das representações das pessoas nas imagens e dos títulos para convidá-las a conhecer o evento.

Continuando a problematização das fontes, a primeira subcategoria que comentamos foi a de fontes oficiais que corresponderam a 23,3% das fontes utilizadas pelos portais na construção das matérias. Pena (2015) descreve estes tipos de fontes como as mais tendenciosas. O autor diz isso porque acredita que elas têm interesses a preservar e informações que querem esconder e se beneficiam da própria lógica de poder que a classifica como instituição. Elucidamos que utilizar apenas esse tipo de fonte ou priorizá-

lo é muito prejudicial para a memória do povo ipiranguense, pois fontes oficiais, no nosso caso prefeitos, secretários, coordenadores e Major, excluem, outras vozes e institucionalizam a fala, fator que incide na sensação de pertencimento que deve ser estimulada pelo jornalismo local/regional.

De acordo com o Manual do Foca⁶, a identificação é um recurso que tende a trazer o caráter de proximidade para a matéria jornalística. As pessoas gostam de se ver no conteúdo jornalístico, sentir que aquele tema está correlacionado com sua realidade. Com isso, teríamos a oportunidade de ter mais vozes contribuindo com o que Halbwachs (1990) chamou de memória coletiva.

A subcategoria de fontes não identificadas, se refere às matérias que não tiveram uma fonte específica citada ou referenciada no corpo ou no final da matéria. Esta foi a maior categoria encontrada no mapeamento, dessa forma a maior no gráfico com 55.8% de incidência. De início, pensamos em como seria difícil problematizar a ausência de fontes, mas entendi que na verdade a ausência já é um problema e uma constatação. Pois se não houver fontes, houve silenciamentos ou até mesmo uma falta de comprometimento com o caráter de proximidade que os portais locais regionais deveriam ter. Para Le Goff (1996), a imprensa se torna uma senhora da memória, mas também do esquecimento, pois no processo de escrever suas narrativas ela seleciona o que vai ser lembrado, esquecido e até mesmo silenciado.

Nos utilizamos de Pollak (1989) para trazer essa construção, pois para o autor a memória é construída socialmente podendo ser manipulada, nas suas disputas pode promover o silenciamento de alguns atores provocando o esquecimento ou até mesmo um não-dito, no sentido de que os jornalistas até sabem quem são suas fontes, mas não revelam aos seus leitores.

Pra nós, também é claro que na disputa entre as fontes oficial e as fontes testemunhais, nomenclatura abordada por Pena (2015), a oficial foi a vencedora sendo assim será lembrada em detrimento das vozes “comuns”, que não apareceram na maioria das matérias e quando aparecem estão de forma tímida, apenas para completar uma informação ou para comprovar o que houve naquele dia de programação com sua aparição.

⁶ JORGE, Thais de Mendonça. Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas. Editora: Contexto. 2008.

O grande problema é este que por trás dessa ausência fica um lado escondido ou subterrâneo, como Pollak (1989) descreve. Isto é um aspecto do que não se conta oficialmente, do que não se vê, e que por vezes cai no esquecimento coletivo e fica sujeito apenas à existência de uma memória particular subterrânea, que seriam as experiências de pessoas que participaram da semana e que não foram ouvidas pelos portais.

Em suma, o que for publicado nos portais e a maneira como construíram as matérias, escolhendo ouvir fontes ou silenciá-las, será a versão conhecida sobre a Semana da Juventude, tornando-se uma memória oficial coletiva, ou seja estas fontes convocadas construirão a ideia do que foi a semana da juventude e, conseqüentemente, do que é juventude .

Findando a discussão de fontes identificamos as fontes testemunhais. Pena (2015) destaca que estas têm uma ligação direta com o fato, pois é uma testemunha dele, mas acrescenta que seu relato sempre estará ligado a suas características pessoais como suas emoções, preconceitos, memória e pela suas formas de linguagem.

Elas corresponderam a 20.9% no total das 53 matérias analisadas. Esse número é bem baixo para o total de matérias, o que incide no sentimento de que as fontes comuns não são importantes para os portais. Já discutimos que há uma disputa e que na maioria das vezes nessa temática, as fontes oficiais venceram, acreditamos isto pela questão mercadológica e a posição de poder que as mesmas ocupam.

Conclusão

A Semana Cultural da Juventude Ipiranguense (SDJ), é um acontecimento que ocorre todos os anos em Ipiranga do Piauí, e possui notoriedade nos portais locais/regionais, sendo considerado até pelo portal Meio Norte (2021), um dos maiores festivais gratuitos do centro-sul piauiense.

Por sua notoriedade e até mesmo sua posição como veículos jornalísticos locais/regionais, que, em tese, devem prezar pelo caráter de proximidade ao representar comunidades e ecoar suas vozes através de seus produtos, os veículos que escolhi analisar se tornam, mesmo que sem intenção, um local de memória. Nesta tentativa de compreender como o jornalismo dos portais se posicionaram como construtores de memórias e representações da juventude por meio da construção de suas narrativas, vimos que ambos os portais atuaram de forma tímida e até lacunar levando em consideração que o recorte que escolhi analisar foi de cinco edições, de 2018-2022. Nesta busca por materiais, encontramos apenas 53 matérias.

Diante da pesquisa, consideramos que, em um contexto em que o evento tem grande notoriedade tanto para o jornalismo, dispondo dos critérios necessários de noticiabilidade conforme Wolf (2003), foram convocadas fontes testemunhais, moradores ou visitantes da cidade, onde em todas as ocasiões que aparecem sempre se dispuseram a autorizar suas experiências e vozes através de seus relatos sobre o evento, tendo inclusive em 53 matérias, 9 aparições.

Compreendemos através do mapeamento que a maior classificação de fontes utilizadas foram as não identificadas, onde no corpo ou ao final das matérias os portais não identificaram nenhuma fonte, ou se referiram a alguma. Elas foram identificadas tendo 55.6% de incidência, isso correspondeu a 24 das 53 matérias.

Não havendo fontes, acreditamos que os portais silenciaram os sujeitos que poderiam ter sido entrevistados, o que é um problema, pois isso demonstra um lado escondido ou subterrâneo, como Pollak (1989) descreveu. Haveria também aqui também um não-dito, no sentido de que os jornalistas até sabem quem são suas fontes, mas não revelam aos seus leitores.

Em suma, concluímos que ao se tratar da construção de memórias através das fontes ipiranguenses, os portais construíram uma memória lacunar, se tratando das fontes não identificadas, e baseada em uma visão organizacional, que é a institucionalizada ocorrida quando as fontes oficiais foram convocadas com a segunda maior frequência. Enquanto que as fontes testemunhais que também presenciam o fato e imprimem suas experiências através da sua fala, como destacou Pena (2015), foram pouco utilizadas e pouco exploradas, sendo menos benéfico para a memória coletiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, "senhores da memória"?. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVII Congresso Brasileiro De Ciências da Comunicação, Porto Alegre. **Anais** [...]. 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf>, acesso em 11 jun. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PALÁCIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n.1, p.37-50, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>, acesso em: 12 jan. 2023.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007b.

POLLAK, Michel. Memória, silêncio, esquecimento. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SOARES, Edvaldo. **Metodologia científica**: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.